

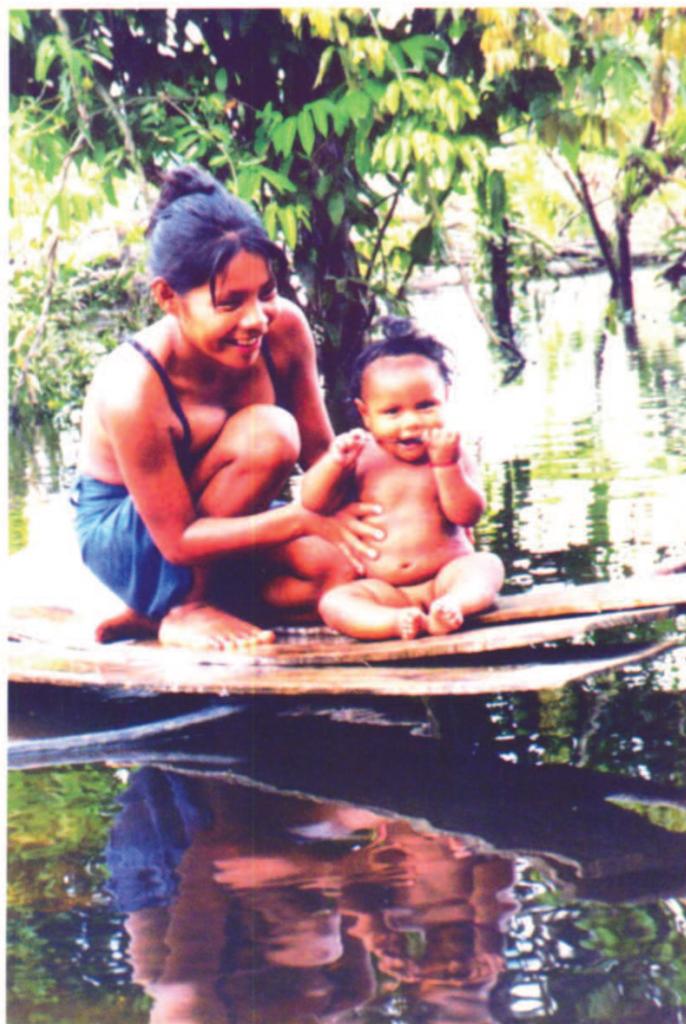
Ecologia

MUNÓLOGO DO PRECONCEITO CONTRA OS ÍNDIOS

Por Iara Tatiana Bonin - *Conselho Indigenista Missionário*

Neste "19 de abril" fui tomada de surpresa ao encontrar, na porta da escola de minha filha, um cartaz com desenhos e um texto sobre "o índio".

Minha memória voltou aos bancos escolares enquanto eu lia, perplexa, que "os índios viviam em ocas... andavam nus... adoravam o sol e a lua"



Povo Kambeba - Aldeia Nossa Senhora da Saúde

Honestamente, meu coração doeu! tanto tempo se passou desde que eu era uma estudante de meias puxadas até os joelhos, mas ainda hoje as nossas escolas (nem todas, felizmente) continuam reproduzindo os mesmos textos estereotipados sobre os povos indígenas. Textos que reforçam idéias equivocadas, que empobrecem as culturas indígenas e esvaziam o seu sentido, contribuindo assim para o apagamento da verdade histórica, da existência atual, diversa e criativa de tantos povos indígenas.

Provocada por este "simples", mas poderoso pedaço de papel decidi escrever este artigo. E nele eu convido o leitor a fazer comigo um pequeno passeio pelo que chamo aqui de "monólogo do preconceito contra os índios". Monólogo no sentido de que se compõe de discursos ideológicos de uma só mão, que deixam falar um lado enquanto silenciam e apagam a imagem do outro.

Vasculhando a nossa memória certamente encontraremos vários destes discursos falseados sobre os povos indígenas que fomos acostumados a tomar como verdades. Alguns são amplamente divulgados e ingenuamente reproduzidos em nosso trabalho pedagógico. Vamos percorrer alguns dos argumentos deste monólogo e tentar "passar a limpo" os seus borrões.

“O Brasil foi descoberto em 22 de abril de 1500”

A história do Brasil é muito mais antiga! Quando as caravelas de Cabral aportaram em nosso litoral baiano encontraram aqui uma multidão de povos. E estes povos fizeram desta terra a sua morada há uns 50 mil anos atrás, quando ocorreram as grandes migrações humanas por todo o planeta. Eles percorreram uma longa marcha até chegar ao continente americano através de diversos caminhos diferentes.

Quando a expedição de Cabral tomou posse da costa brasileira em nome da coroa portuguesa haviam aqui mais de seis milhões de pessoas, falando mais de 1200 línguas diferentes.



Iluminura do século XIX representando Pedro Álvares Cabral e o brasão de sua família.

Os portugueses apropriaram-se de uma terra que já tinha dono.

Por isso engrossamos o coro de índios que grita que o Brasil não foi descoberto, o Brasil foi invadido em 1500 e foi sendo roubado um pouco mais a cada ciclo de colonização que avançava destruindo e massacrando os povos que impunham resistência.

O discurso oficial redime a invasão européia e reconceitua o fato como “o descobrimento”.

No entanto, muitos trabalhadores sem terra que hoje tomam posse de latifúndios neste Brasil afora são considerados invasores e retirados pela força da lei e das armas da propriedade,

porque dizem de ela já tem dono.

“os índios viviam no Brasil”

Os povos indígenas não são uma página virada em nossa história. Eles não viviam, eles vivem !



Descobrimto do Brasil: óleo de Oscar Pereira da Silva, exposto no Museu di Ipiranga (SP)

Hoje, em nosso país vivem mais de 330.000 índios. Existem aldeias indígenas espalhadas em todas as regiões do Brasil, mas a maior concentração populacional está na Amazônia.

“os índios viviam em ocas, andavam nus, adoravam o sol e a lua...”

Este “índio” tomado como uma generalidade didática não existe. Nem é legítimo utilizar um estereótipo para “facilitar a compreensão dos alunos” como respondeu a professora com a qual tentei dialogar.

O que existem são **povos indígenas**. Atualmente no Brasil são cerca de 215 povos indígenas diferentes. (diferente aqui é uma idéia fundamental!). Cada um destes 215 povos tem sua maneira própria de viver, formas de construir suas casas, costumes que estão assentados em tradições ancestrais. Cada um destes povos possui uma cosmovisão distinta, ou seja, um jeito próprio de acreditar e de relacionar-se com o sobrenatural. Portanto, cada povo indígena tem que ser compreendido em sua história única e no conjunto de sua tradição cultural.

A grande riqueza está na diversidade e esta verdade não pode permanecer escondida atrás de um estereótipo (no sentido literal, estereótipo é a arte de converter em formas fixas ou clichês.)



Foto: Pe José Aldaberto - Crianças Yanomami

“no Brasil não existe mais índio puro”

Nem no Brasil, nem em qualquer lugar existiu um dia o “índio puro”

As culturas indígenas, como qualquer cultura humana, são dinâmicas e estão em processo constante de construção, reconstrução, enriquecimento, modificação com elementos de outras culturas. É verdade que a dominação que teve lugar no Brasil a partir da colonização européia modificou radicalmente muitas destas culturas, destruindo as condições de existência autônoma das populações indígenas, os seus sistemas próprios e impondo outros padrões de vida. O Brasil e toda a América foi o palco do maior e mais cruel genocídio (extermínio físico) e etnocídio (extermínio de culturas) registrado na história humana.

O que se coloca aqui para “passar a limpo” é a idéia de “índio puro” em oposição aos índios que vivem hoje no Brasil. Esta idéia é a base do argumento utilizado por muitos setores interessados nos recursos econômicos das terras indígenas, quando dizem “estes aqui não são mais índios, já vestem roupas, já usam relógio, já falam português”.

Ser índio não se define por um modo de vestir, por um modo de falar ou por outros aspectos aparentes. Ser índio é um “pertencimento”, ou seja, é ser parte de uma identidade, de uma tradição cultural. Não é algo que possa ser medido, nem algo que se possa perder ou ganhar no uso de determinado tipo de vestuário, por exemplo.

Analogamente, poderíamos dizer que “ser brasileiro” não resulta do fato de se vestir roupas autenticamente nacionais, alimentar-se apenas com produtos brasileiros ou falar a língua portuguesa. Caso contrário, seria quase impossível encontrarmos no Brasil um “brasileiro puro”, que não traga em suas compras de supermercado uma maçã argentina, que não use uma calça jeans norte-americana, ou que não prepare no domingo aquela tradicional macarronada inventada pelos italianos. Também os nossos estudantes não deixam de ser brasileiros porque aprendem a falar fluentemente o idioma inglês, francês ou espanhol. Do mesmo modo os índios não se tornam menos índios porque usam relógio, frequentam as cidades ou usam roupas.

E por falar em vestir-se, nem mesmo antes de 1500 os índios “andavam nus”. Haviam os povos que não vestiam roupas, mas utilizavam as pinturas e os enfeites corporais. Para estas culturas a pintura veste e diferencia. Cada pintura traz informações sobre o clã, o sexo, a idade da pessoa. Cada traço na pintura tem uma história, um significado compreendido pelo grupo. E haviam também, em 1500 os povos indígenas que cultivavam algodão e fabricavam com ele lindos tecidos. A beleza e os padrões coloridos destes tecidos é ressaltada nas crônicas dos viajantes europeus.



Povo Kambeba - Aldeia Nossa Senhora da Saúde
(Descascando Mandioca - Foto: Iara Bonin)

“é muita terra para pouco índio”

Para uma sociedade como a nossa, cuja lógica é a capitalista, terra é sinônimo de mercadoria, é espaço de poder, e produto pra vender, comprar e explorar. Para os diversos povos indígenas, no entanto, não é esta a lógica de relação com a terra. Ela é o lugar de viver, é o campo da sua história, é o espaço onde se concretiza a existência e se perpetua o “ser gente”, onde se realiza o mito, o rito, o contato com o sobrenatural.

Além disto, a própria organização do trabalho e da produção tem uma lógica completamente diferente da capitalista.

A utilização dos recursos naturais não é predatória e visa garantir a manutenção destes recursos. Por isso os roçados são construídos de modo a permitir que a floresta se recomponha, a pesca e a caça respeita os ciclos de reprodução dos animais...

Assim, os povos indígenas precisam de territórios que permitam que este modo de viver seja realizado e que sejam respeitados os limites da própria terra para que mantenham as condições de vida. Levando em conta esta lógica distinta de relação com a terra, a maioria dos territórios indígenas é muito menor do que seria necessário. Além disto, mesmo as maiores áreas indígenas são ainda menores que algumas das grandes propriedades que atualmente estão nas mãos de empresas multinacionais.

Existem hoje no Brasil aproximadamente 559 áreas indígenas, mas em apenas 187 delas o procedimento demarcatório está concluído. Isso significa que menos da metade das terras indígenas estão demarcadas e homologadas, uma obrigação conferida ao Estado pela Constituição de 1988, que de-

veria ter sido cumprida no prazo de cinco anos. O mais grave em toda esta história é que mesmo ocupadas tradicionalmente pelos índios, estas terras não estão garantidas a estes povos efetivamente. A própria Funai, organismo oficial responsável pela assistência e proteção dos povos e territórios indígenas, admite que cerca de 85 % do total de terras indígenas no Brasil sofrem invasões.

São madeireiros, garimpeiros, fazendeiros, mineradoras e tantos outros intrusos que além de depredarem os recursos naturais afetam profundamente a vida indígena, trazendo novas doenças, influenciando os costumes, ameaçando a sobrevivência atual e futura destes povos já tão expoliados e massacrados nestes quinhentos anos de dominação.

“os índios devem ser integrados à nossa sociedade para poderem gozar dos benefícios que ela proporciona”

Não são necessários nem muitos argumentos para deixar evidente que esta afirmação é, no mínimo, equivocada (e quase sempre mal intencionada).

Qual o lugar que esta sociedade dita “civilizada” reserva para os mais pobres, para os negros, para aqueles que não frequentaram escolas porque sempre tiveram que trabalhar, para os desempregados e para os aposentados, que passaram toda a vida contribuindo para encher os cofres públicos de reservas que encheram outros cofres? A tentativa de integrar os povos indígenas à sociedade ocidental esconde interesses econômicos sobre as terras que eles habitam. Não são sentimentos humanitários que impulsionam a política integracionista do governo.

Uma sociedade estruturada sob a lei do capital e da propriedade privada não reserva outro lugar aos povos indígenas senão o da marginalidade.

E, finalmente, o grande monólogo que se constrói nesta virada de século...

Comemorar o que? indagam os povos indígenas. Para eles são quinhentos anos de massacres, de desrespeito, de violências, de dor... Quinhentos anos banhados de sangue indígena, de sangue negro, do sangue de tantos inocentes. Cinco séculos marcados pela imposição de um sistema econômico que constrói a riqueza de alguns sob os cadáveres de tantos outros.

E como disse um líder Macuxi, do Estado de Roraima
“É um absurdo fazer festa, cantar e dançar em cima dos cadáveres de milhares de índios que foram mortos neste país inteiro.”

Nestes quinhentos anos de permanente luta pela sobrevivência os povos indígenas nos tem ensinado a arte de refazer-se. São herdeiros de uma história de dor, mas também herdeiros de uma coragem ancestral.



São possuidores de culturas ricas e criativas, forjadas na tradição e na resistência cotidiana.

O marco dos 500 anos da invasão européia é um bom momento para a nossa sociedade olhar para si mesma, para as ruínas daquilo que destruiu e para as vozes que foram caladas em nome de um Brasil que só é “pátria-mãe-gentil” para alguns.

Talvez possamos refletir profundamente sobre o Brasil que queremos, e começar, assim, a construir o esboço deste projeto de pátria pluriétnica e pluricultural

Para concluir, mas não para encerrar o assunto:

Estes são alguns dos muitos discursos falsados que estamos habituados a ouvir e, quase sempre, a reproduzir no ambiente es-

colar. A viagem pelo ‘monólogo do preconceito contra os índios’ que acabamos de realizar foi uma tentativa de “passar a limpo” aquela página do livro didático, amarelada pelo tempo, onde se lê “19 de abril- dia do índio”. E como esta, existem tantas outras páginas a serem reescritas...

Talvez o grande objetivo ao propor esta viagem tenha sido semear a dúvida, colocar a história oficial sob suspeita, para que em nossa prática pedagógica já não possamos mais reproduzir como verdades absolutas os fatos que a historiografia oficial consagrou e que o discurso escolar legitimou.